

Alfred Métraux, vai até mais longe: estuda as tradições míticas dos Kayapó situando-as no contexto geral das culturas aborígenes da América do Sul.

Após um rápido esboço histórico e geográfico, Simone Dreyfus dedica um capítulo à cultura material, em que concentra a atenção principalmente na construção da aldeia, nas diferentes atividades econômicas e nas técnicas.

A parte mais substancial e mais estruturada é a que se refere à vida familiar e social. Trata-se aí minuciosamente dos sucessivos estágios da vida individual (com ênfase particular na primeira infância), das relações familiares e do sistema de parentesco, dos grupos sociais e da guerra. Mostra-se, entre outras coisas, em que sentido o arranjo espacial da aldeia (as habitações familiares constituindo um círculo em torno da praça, em cujo centro se encontra a casa dos homens) reflete a divisão primária da sociedade no grupo dos homens e no das mulheres, divisão a que se sobrepõe a existência de duas metades masculinas; analisa-se o sistema das classes de idade masculinas e femininas; estuda-se a instituição da chefia política, econômica e guerreira em suas relações com a divisão em metades e com o sistema de parentesco; discute-se o papel dos grupos patronímicos, que abrangem todos os indivíduos de um e outro sexo. A exposição da nomenclatura de parentesco conduz a uma comparação com os sistemas correspondentes das demais tribos jê. Em tudo isso, a autora procede com bastante cautela, ciente de que sobre uma série de pontos não é possível ainda um pronunciamento definitivo e de que serão necessárias novas pesquisas de campo para se apreender em toda a sua complexidade a estrutura e a organização sociais dos Jê em geral e dos Kayapó em particular.

Convém destacar ainda algumas páginas magistrais sobre a música dos Kayapó. Esta é de suma importância na vida da tribo e tão variada que não foi possível a Simone Dreyfus, em sua curta permanência no campo, registrar senão uma parte dela. "A música kayapo por nós ouvida é (...) essencialmente coral. Cerimonial, de caráter não religioso, marca as fases da integração social ou auxilia a preparação das atividades coletivas: grandes caçadas, grandes pescarias ou colheita da mandioca. É exclusivamente monódica; a sua estrutura é pentatônica". (Págs. 129-130). Alguns exemplos dessa arte são estudados com grande perícia, fato muito raro em obras de etnologia brasileira.

Sobre as representações e práticas religiosas há poucos informes no livro. É um domínio sobre o qual existem alguns artigos, principalmente do missionário austríaco A. Lukesch, mas que mereceria pesquisas mais aprofundadas.

Em apêndice reproduzem-se os mitos levantados por Alfred Métraux e alguns dados demográficos.

Egon Schaden

*

WILLHART S. SCHLEGEL: *Die Sexualinstinkte des Menschen. Eine naturwissenschaftliche Anthropologie der Sexualität*. 256 págs., 14 ilustr. Rütten & Loening Verlag. Hamburgo, 1962.

Este livro sobre o espinhoso tema é uma tentativa de popularização de conhecimentos sexológicos no enquadramento de um *ethos* definido. Trata-se de um ensaio bem sucedido do ponto de vista da relação harmônica entre os fatos científicos expostos e o conteúdo da norma sexual recomendada.

A idéia fundamental se resume no conceito de que o sentido biológico primário da sexualidade humana, em vez de se reduzir à função reprodutora e à satisfação da libido,

se encontra antes no desenvolvimento e na manutenção do indivíduo enquanto ser social, e isto como resultante da satisfação do mútuo contacto físico. Esta concepção permite compreender a sexualidade como um instinto capaz de promover em grande escala o desenvolvimento de altos valores humanos. A noção de que o prazer sexual do contacto com outra pessoa ajuda a desenvolver as qualidades estéticas, morais e individuais, conferindo-lhes, se não maior brilho, em todo caso maior vigor, não é novidade. Remonta a Platão, em cujo raciocínio encerra, como consequência, a justificação da homossexualidade. O que torna atual o pensamento do autor é a sua situação no clima da concepção liberal freudiana, sem vinculação com qualquer moral tradicional. Assim, por exemplo, para a solução do problema sexual dos pubescentes recomenda o "petting" como continuação adequada dos jogos infantis heterossexuais. "Pelo estabelecimento de contactos interumanos genuínos, o "petting" pode corresponder melhor à função compensadora da sexualidade do que a prática puramente substitutiva do onanismo". (Pág. 187). A idéia de explorar o instinto sexual como recurso para o desenvolvimento de valores humanos assume em Schlegel a coloração de nossa época pela correlação estabelecida entre a norma proposta e dados de pesquisa científica. As opiniões do autor se apóiam predominantemente em fatos da antropologia moderna. E no setor especial a que se refere o presente estudo, Schlegel figura como autor de não menos de 18 títulos (cf. Bibliografia, págs. 244-245); êstes trabalhos decorrem de pesquisas sistemáticas em cerca de 15.000 indivíduos.

O antropólogo encara a sexualidade, em perspectiva estritamente naturalista, como fenômeno dificilmente igualado por outro na medida em que, determinando relações interumanas, ultrapassa a esfera individual. (Pág. 11). Entretanto, não se pode falar de instintos sexuais pura e simplesmente, mas é preciso diferenciá-los de forma concreta de acôrdo com a constituição do indivíduo. Entre o corpo e a alma (esta entendida como conformação especial do espírito) existe uma correlação, que determina também a natureza do instinto sexual, correlação essa facilmente verificável como uma conta aritmética, sob a condição naturalmente de se dominarem os necessários métodos diagnósticos para a obtenção do respectivo material empírico. Parte do livro é dedicada à diagnose dos tipos. Comparando medidas da circunferência da mão, da estatura e do diâmetro da bacia, o autor estabelece os conceitos de "andromorfo" e "ginecomorfo". O primeiro corresponde ao tipo humano de conformação masculina, o segundo ao de conformação feminina, sendo que um e outro ocorrem em grau mais ou menos pronunciado quer em homens, quer em mulheres. Os dois conceitos se ligam aos tipos astênico e atlético de Kretschmer. As pesquisas científicas de Schlegel, entretanto, não se confinam à base constitucional da sexualidade; servem-lhe como ponto de partida para uma análise diferencial relativa a temas tais como os impulsos instintivos da sexualidade, a ilusão como fator do mecanismo pelo qual se manifesta o instinto sexual, o exibicionismo, a homossexualidade. Um capítulo sôbre os diferentes graus de livre arbítrio na esfera sexual líquida com a opinião tradicional de que a sexualidade se impõe ao homem como fôrça biológica de ação causal. Em regra, o impulso não exclui a procrastinação, para a qual no entanto, não se encontram as mesmas condições em todos os indivíduos.

Seria provavelmente exagerado dizer que o livro de Schlegel é uma das obras que marcam época. Mas não há dúvida de que se trata de uma contribuição notável no quadro dos conceitos fundamentais desenvolvidos pela ciência antropológica no tocante ao problema sexual e à constituição humana. O autor consegue apresentar pontos de vista originais que não somente estimulam e fertilizam a pesquisa e o pensamento antropológicos, mas também ajudam a neutralizar o poder de explosão destrutivo com